



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

MARÍLIA GABRIELA DE OLIVEIRA RAMOS

**A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO SOBRE A HEPATITE B
PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: ESTUDO DE CASO
NO CENTRO EDUCACIONAL 01 DE PLANALTINA-DF.**

Planaltina – DF

Novembro 2015



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

MARÍLIA GABRIELA DE OLIVEIRA RAMOS

**A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO SOBRE A HEPATITE B
PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: ESTUDO DE CASO
NO CENTRO EDUCACIONAL 01 DE PLANALTINA-DF.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília a fim de obter a Graduação em Ciências Naturais sob a orientação da Professora Dra. Lívia Penna Firme Rodrigues.

Planaltina – DF

Novembro 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos àqueles que confiaram em mim e me incentivaram direta e indiretamente a chegar até aqui. Agradeço primeiramente a Deus. Aos meus familiares, especialmente a minha mãe e à memória de meu pai. Aos meus amigos e professores, pela cumplicidade, ajuda e amizade. E todos que me acompanharam nessa jornada.

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO SOBRE A HEPATITE B PARA ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: ESTUDO DE CASO NO CENTRO EDUCACIONAL 01 DE PLANALTINA-DF.

Marília Gabriela de Oliveira Ramos¹

RESUMO: Uma das populações mais suscetíveis às doenças sexualmente transmissíveis (DST's) é constituída por adolescentes por terem, na maioria das vezes, relações sexuais sem o uso de preservativos ou por não terem conhecimento acerca dos métodos contraceptivos adequados. A conscientização para a prevenção das principais doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, está cada vez mais presente no cotidiano dos brasileiros. Contudo, o investimento na educação e na promoção da saúde para a imunização e a conscientização da Hepatite B sofre um déficit por não aprofundar ou até mesmo integrar a abordagem deste tema nas instituições. Este trabalho trata de um estudo de caso, qualitativo-quantitativo, no Centro Educacional 01 de Planaltina-DF, com o objetivo de analisar o conhecimento dos estudantes do ensino médio sobre a hepatite B. Cerca de 41,1% dos estudantes sabem que a hepatite B é uma DST. E 54,9% dos alunos tem a consciência que a hepatite B é transmitida também por relações sexuais sem preservativos, e 39,2% dos estudantes afirmaram que a vacina contra hepatite B é uma forma de prevenção. Em relação aos sintomas, 60,7% dos alunos responderam que não sabem quais são os sintomas e 66,6 também não sabem quais os fatores que podem agravar a doença. Conclui-se que, esses estudantes tem um conhecimento deficiente sobre a hepatite B e as escolas e professores de Ciências Naturais/Biologia necessitam tratar deste tema quando abordarem as DST's, preferencialmente com metodologias ativas, ou seja, atividades que os estudantes tenham participação efetivamente ativa, como, projetos pedagógicos, feira de Ciências e seminários.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Ciências, Promoção da Saúde, DST's e Hepatite B.

ABSTRACT: One of the most susceptible populations to sexually transmitted diseases (STDs) is made up of teenagers to have, for the most part, sex without using preservative or not having knowledge about proper contraceptive methods. The

¹Graduanda do Curso de Ciências Naturais – Universidade de Brasília – Campus Planaltina – Área Universitária nº 1 Vila Nossa Senhora de Fátima – CEP 73300-000, Planaltina, DF – Brasil. 10 de Novembro de 2015.

awareness for the prevention of the main sexually transmitted diseases such as AIDS, is increasingly present in the Brazilian daily. However, investment in education and health promotion for immunization and awareness of Hepatitis B suffers a deficit not deepen or even integrate the approach this subject in institutions. This paper is a case study, qualitative and quantitative, in the Educational Center 01 Planaltina-DF, in order to analyze the knowledge of high school students about hepatitis B. Approximately 41.1% of students know that Hepatitis B is an STD. And 54.9% of the students is aware that hepatitis B is also transmitted through sexual intercourse without condoms, and 39.2% of students said that the hepatitis B vaccine is a form of prevention. For symptoms, 60.7% of students said they do not know what are the symptoms and 66.6 also do not know which factors may aggravate the disease. In conclusion, these students have a lack of knowledge about hepatitis B and schools and teachers of Natural Sciences / Biology need to consider this issue when addressing STDs, preferably with active methods, in others words, activities that students have effectively active participation such as, pedagogical projects, Science Fair and seminars.

KEYWORDS: Science Education, Health Promotion, STD and Hepatitis B.

1 INTRODUÇÃO

Uma das populações mais susceptíveis às doenças sexualmente transmissíveis (DST's) é a dos adolescentes, por terem, na maioria das vezes, relações sexuais sem o uso de preservativos. A conscientização para a prevenção das principais doenças sexualmente transmissíveis, como a AIDS, está cada vez mais presente no cotidiano dos brasileiros, por meio dos meios de comunicação (televisão/rádio), programas educativos, palestras, entre outras atividades, que algumas instituições e educadores promovem para a conscientização dos estudantes e da sociedade em geral.

As Hepatites Virais constituem um importante problema mundial de saúde pública com grande impacto econômico na sociedade (MORAIS, ANDRADE e BOTELHO, 2007). “As Hepatites virais são doenças provocadas por diferentes agentes etiológicos, com tropismo primário pelo tecido hepático, que apresentam características epidemiológicas, clínicas e laboratoriais semelhantes, porém com importantes particularidades. (BRASIL, 2008)”.

Existem cinco vírus que podem causar hepatites, ou seja, o vírus da Hepatite A (VHA), vírus da Hepatite B (VHB), vírus da Hepatite C (VHC), vírus da Hepatite D (VHD), vírus da Hepatite E (VHE). Segundo o Ministério da Saúde (2005) existem alguns outros vírus que também podem causar hepatite, tais como TTV (*transfusion transmitted virus*), vírus G (HGV/GBV-C) e SEN vírus (SEN-V), todavia, seu impacto clínico e epidemiológico é menor.

De acordo com o Dr. Stéfano Gonçalves Jorge (2005), o vírus VHA e o vírus VHE são conhecidos também como vírus RNA, ou seja, sua informação genética é escrita em uma cadeia de RNA. E suas formas de transmissão são por meio fecal-oral, que estão ligados diretamente às condições de saneamento básico, higiene pessoal, qualidade da água e dos alimentos. O vírus VHA não gera grandes danos ao organismo de crianças e adolescentes. Aproximadamente a metade dos indivíduos infectados nem chega a apresentar os sinais da doença (ZORZETTO, 2011).

O vírus VHB, VHC e VHD possuem vários meios de transmissão, sejam pelo compartilhamento de objetos contaminados (agulhas, seringas, lâminas de barbear, escova de dente, alicates de manicure), utensílios para colocação de piercing, confecção de tatuagens e outros instrumentos usados para uso de drogas injetáveis e inaláveis e por relações sexuais sem o uso de preservativos (BRASIL, 2005).

Calcula-se que existam 3,5 milhões de brasileiros com as formas mais graves de hepatite, cerca de 800 mil com hepatite B e 2,7 milhões com hepatite C. Sendo até 100 vezes mais infeccioso que o vírus da AIDS, ou seja, o vírus VHB possui uma maior frequência em relação a AIDS. E este vírus pode estar presente no sangue, no sêmen e até mesmo na saliva (ZORZETTO, 2011).

Nos últimos anos houve um crescimento do número de diagnósticos de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e AIDS entre adolescentes, como mostra o Boletim Epidemiológico de AIDS publicado pelo Ministério da Saúde (2005), onde foram registrados 362.364 casos de AIDS no Brasil, sendo 4.331 entre adolescentes na faixa etária de 13 aos 19 anos.

Diante dessas informações, torna-se essencial o desenvolvimento de uma consciência acerca dos problemas que a hepatite e as demais DSTs causam e de suas formas de prevenção. No âmbito escolar, tais informações devem ser exploradas pelos professores de Ciências/Biologia para que os jovens aprendam a se prevenir.

Por isso, o objetivo deste trabalho é verificar se os alunos tem o conhecimento sobre as DST's com ênfase na hepatite B e identificar os modos de prevenção e os

fatores que agravam a hepatite B. Para alcançar tal objetivo, se faz necessário descrever a epidemiologia da Hepatite B, verificar a influência do alcoolismo na ocorrência da Hepatite B, verificar o conhecimento dos estudantes sobre a detecção, diagnóstico e a prevenção para hepatite B e observar o papel da escola na prevenção da Hepatite B e outras DSTs aos estudantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu o dia de 28 de julho como, o Dia Mundial de Luta Contra as Hepatites Virais. Estima-se que existam 3,5 milhões de brasileiros com os estágios mais graves de hepatite, aproximadamente 800 mil pessoas com o vírus da hepatite B e 2,7 milhões com o vírus da hepatite C, por serem em sua maioria doenças sem sintomas, ou seja, doenças silenciosas, em que a maior parte das pessoas não sabe que são portadoras do vírus. Esses vírus podem ser até 100 vezes mais infecciosos que o vírus da AIDS, ou seja, o vírus VHB possui uma maior frequência em relação a AIDS. (ZORZETTO, 2011).

A hepatite B aguda vai depender da interação do vírus com a defesa do organismo da vítima. Ou seja, um dos requisitos para ocorrer a cura espontânea é o estado imunológico do paciente. A defesa do organismo é essencial para combater o número de células infectadas pelo vírus VHB. Portanto, o vírus não terá força suficiente para transformar a hepatite aguda em crônica, sendo seu período de incubação na fase aguda de duas a três semanas.

A idade que o paciente adquiriu o vírus VHB está relacionada também à cura espontânea da hepatite B na fase aguda. Muitas pessoas, em algum momento da vida, já tiveram o contato com vírus VHB. Na população adulta, aproximadamente 90% dos casos de exposição exclusiva ao vírus da hepatite B, ocorre cura espontânea (SILVA, VITORINO, *et al.*, 2012).

A forma crônica e a forma aguda da hepatite B são pouco sintomáticas. Contudo, o indivíduo que desenvolve para a infecção crônica tem grandes chances de desenvolver cirrose, morte por falência hepática, ou seja, falência do fígado, e câncer primário do fígado, sendo este a maior causa mundial de câncer do fígado (LIVRAMENTO, CORDOVA, *et al.*, 2009). A ingestão de álcool é um fator de risco para o desenvolvimento dessas causas.

De acordo com Albuquerque, Moraes, *et al.*, (2009), em 1992 o Ministério da Saúde promoveu o Programa Nacional de Imunizações (PNI) com o objetivo de incorporar a vacinação contra a hepatite B em forma de campanhas nas regiões com um maior índice de ocorrência constante e elevada.

A vacinação está disponível gratuitamente para todas as faixas etárias nos postos de saúde, mas, em alguns casos, as salas do SUS disponibilizam para situações de maior vulnerabilidade (BRASIL, 2010). Pela facilidade de acesso à vacinação, e pelo fato, dos Estados e Municípios implementar políticas públicas e projetos nas próprias escolas públicas, os educadores deveriam conscientizar todos os estudantes a fazer a imunização, já que é a forma mais eficaz de prevenção da doença.

A faixa etária da população a ser imunizada era entre 0-19 anos em 1998, contudo em 2012 o Ministério da Saúde ampliou a faixa etária a ser imunizada para 0-29 anos (MARTINS, COSTA, *et al.*, 2014). O esquema básico para a vacina é de três doses; a primeira dose deve ter o intervalo de um mês para tomar a segunda dose; e para tomar a terceira dose, o intervalo deve ser de seis meses entre a primeira e a terceira dose, sendo que a vacina, apenas, terá efeito tomando as três doses.

Diante disso, podemos inferir que é necessário ensinar aos jovens os conceitos básicos da prevenção da hepatite B, para que não ocorra uma falha na imunização contra a doença. Como qualquer outra vacina, a vacina contra o VHB pode ter efeitos colaterais como dor no local da injeção, devendo evitar-se a aplicação na região glútea, por resultar em menor eficácia a uma resposta imunológica (BRASIL, 2008).

O diagnóstico, por sua vez, tem uma análise de difícil compreensão, sendo basicamente a coleta de sorologias, associado com marcadores de lesão de células, podendo ser feito também pela detecção de quantidade do vírus circulante no sangue. De modo bem simplificado, os marcadores de triagem inicialmente para a hepatite B são: HBsAg e anti-HBc.

O marcador HBsAg (antígeno de superfície do VHB) é o primeiro marcador a surgir após a infecção pelo VHB, em torno de 30 a 45 dias, podendo permanecer detectável por até 120 dias e está presente nas infecções agudas e crônicas. O marcador anti-HBc (anticorpos IgG contra o antígeno do núcleo do VHB) é um marcador que indica contato prévio com o vírus, permanecendo detectável por toda vida nos indivíduos que tiveram a infecção, mesmo naqueles que não cronificaram (BRASIL, 2005, p. 416).

Em relação aos tratamentos são indicados alguns medicamentos que são mais comuns em indivíduos que possuem o VHB, como interferon, lamivudina, adefovirdipivoxil. Contudo, existem outros medicamentos, mas, ainda estão em fase de estudos. De acordo com o Dr. Stéfano Gonçalves Jorge (2005), outro tratamento recomendado para os casos de hepatite B aguda fulminante, cirrose avançada e câncer primário do fígado é o transplante de fígado.

Diante desses dados sobre a hepatite B, percebemos a importância de pesquisar o conhecimento dos adolescentes em relação ao assunto, pois nesta fase de transição, de buscar novos saberes, de aflorar sua sexualidade e de definir sua personalidade, os jovens enfrentam maior vulnerabilidade ao tomar decisões e assumir responsabilidades diante da sua vida sexual, que cada dia está iniciando-se mais precocemente.

Os adolescentes têm sido considerados um grupo com risco elevado de exposição ao vírus da hepatite B, pois são suscetíveis à pressão negativa de seus parceiros, sensação de invulnerabilidade e imortalidade, apresentam dificuldades para associar comportamentos de risco do presente e consequências futuras. Assim, estudos vêm mostrando um aumento do soro-positividade para o VHB na adolescência que se estende até a idade adulta (ARAÚJO, CARVALHO e MONTEIRO, 2012).

Os jovens precisam ser orientados para conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis para agir com responsabilidade em relação à sua saúde sexual. Para isto, o papel fundamental das Ciências Naturais é o de colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e parte integrante do Universo a fim de formar um cidadão crítico e apto a criar um grau de amadurecimento intelectual e principalmente emocional quanto às práticas tomadas no início de sua vida sexual, onde muitas vezes, impulsos sexuais ou até mesmo atributos relacionados à masculinidade levam os jovens a práticas sexuais sem o uso de preservativos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN's, (1997), os temas transversais são divididos em quatro blocos temáticos propostos para o ensino fundamental: Ambiente; Ser humano e Saúde; Recursos Tecnológicos; e Terra e Universo. No que concerne ao bloco ser humano e saúde, os PCN's afirmam que:

Tão importante quanto o estudo da anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores, masculino e feminino, a gravidez, o parto, a contracepção, as formas de prevenção às doenças sexualmente

transmissíveis, é a compreensão de que o corpo humano é sexuado, que a manifestação da sexualidade assume formas diversas ao longo do desenvolvimento humano e, como qualquer comportamento, é modelado pela cultura e pela sociedade (BRASIL., 1997, p. 40).

Neste contexto, a educação sexual não deve se limitar a fornecer informações sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e/ou sobre os métodos disponíveis de prevenção às DST's e à gravidez (ALVES e BRANDÃO, 2008). Os educadores devem preparar-se mais amplamente para desenvolver conceitos, investigações, procedimentos, atitudes e didáticas em relação às DST's.

Tais desenvolvimentos pedagógicos levam os adolescentes a compreender de forma mais crítica a importância de conhecer e aprender sobre todas as DST's, e, contudo, construir uma opinião e conscientizar-se que a prevenção, por meio de anticoncepcionais, preservativos e a restrição do álcool e drogas podem e são essenciais para uma nova geração de adolescentes e futuros adultos mais conscientes de suas próprias atitudes na sociedade.

Além disso, o consumo de álcool está diretamente relacionado à incidência das doenças sexualmente transmissíveis (DÉA, NOGUEIRA, *et al.*, 2004). E pelo fato do álcool ser legalizado e seu uso incentivado em propagandas, se tornou a droga mais utilizada pelos jovens. Contudo, o risco que o álcool pode trazer para o desenvolvimento de doenças, principalmente, cirrose alcoólica e hepatites, é desconhecido por muitos jovens.

Portanto, a escola tem o papel fundamental para delinear o futuro dos adolescentes, levando-os a construir um pensamento crítico diante da sociedade e a desenvolver um comportamento mais responsável diante das diversas situações do cotidiano. Assim, a educação, a divulgação do conhecimento, a valorização dos elementos éticos e morais, o papel da família, das escolas e instituições são pilares fundamentais para o ensino das DST's (FEIJÓ e OLIVEIRA, 2001).

Nos PCN de Ciências da Natureza para o Ensino Médio, dentre as habilidades e temas a serem desenvolvidos, estão as DSTs e suas implicações na vida do ser humano. Esses conteúdos devem ser desenvolvidos pelos professores de Ciências/Biologia.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A abordagem metodológica realizada nesta pesquisa foi de cunho qualitativa, ou seja, representa a combinação das duas modalidades, usando-se de recursos e de técnicas estatísticas, fazendo interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados aos dados coletados (FILLOS, BEDNARCHUK, *et al.*, 2011).

O público alvo da pesquisa foram 51 alunos, sendo 33 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, do Centro Educacional 01 de Planaltina-DF, Distrito Federal. Todos os alunos que participaram da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1).

A pesquisa foi realizada em quatro etapas. - Inicialmente, houve o levantamento das revisões bibliográficas, delimitando a pesquisa de artigos nas plataformas existentes com as palavras chave: Hepatites Virais e Hepatite B, e em livros técnicos da área da Saúde. Os livros técnicos utilizados para a base do desenvolvimento do trabalho foram Guia de Vigilância Epidemiológica, Doenças Infecciosas e Parasitárias: Guia de Bolso e o livro Hepatites Virais: O Brasil está Atento, todos estes livros desenvolvidos pelo Ministério da Saúde.

No segundo momento, foi aplicado um questionário (ANEXO 2) com dez perguntas, discursivas e objetivas, para duas turmas do terceiro ano do ensino médio, com idade entre 15 e 19 anos, do turno vespertino, totalizando 51 alunos.

No terceiro e último momento, foram analisadas as respostas por categoria que obtivemos através do questionário aplicado. Elaboramos o questionário de forma precisa e bem objetiva para obter resultados mais claros, ou seja, de fácil compreensão. Assim analisamos cada questão a fim de nos esclarecer se os estudantes conhecem ou desconhecem sobre as DST's e principalmente em relação a hepatite B. A partir desta proposta, em todas as questões objetivas, colocamos alternativas para os alunos assinalarem, como, não sabem ou não conhecem, em relação ao tema abordado, ou seja, sobre quais DST'S que eles possuem o conhecimento, sobre as formas de transmissão das DST's, modo de prevenção em relação a hepatite B, sintomas e fatores que podem agravar a hepatite B. Então, de acordo com a alternativa assinalada podemos delinear o grau de conhecimento que os alunos possuem sobre as DSTs e a Hepatite B.

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

Dentre os 51 alunos que participaram dessa pesquisa, 33 eram mulheres e 11 homens. As idades variavam de 15 a 19 anos. Os resultados foram separados em categorias de conhecimento.

4.1 Conhecimentos dos alunos sobre as Dst's, a importância de evitá-las e modos de prevenção da hepatite B.

Nesse item encontram-se os tópicos referentes aos conhecimentos dos alunos, acerca das formas de prevenção das DST's em geral, e o que poderia ser feito para evitá-las. Foi analisado também se estes conheciam alguma forma de se prevenir da Hepatite B.

A maioria dos alunos respondeu de formas diferentes, mas, todos se referiam ao uso de preservativos. Cerca de 5 alunos falaram que a prevenção ginecológica seria uma forma de evitar as DST's. Não compartilhar objetos pessoais foram citados por 3 alunos e 7 alunos falaram que não praticar relações sexuais seria uma forma segura de evitar as DST's.

O quadro 1 mostra as opiniões dos entrevistados sobre as formas de evitar as DST's . Muitos alunos citaram mais de uma maneira.

Quadro 1: Formas para evitar as DSTs		
RESPOSTAS	QUANT.	%
Uso de preservativos/ métodos contraceptivos	45	88,2
Fazer a prevenção ginecológica	5	9,8
Não compartilhar objetos pessoais	3	5,8
Não praticar o ato sexual	7	13,7
Não sei	1	1,9

Com relação ao uso de preservativos e aos métodos contraceptivos, foram citados apenas a camisinha e a pílula anticoncepcional. Diante desses resultados, podemos perceber que muito ainda é necessário para que os adolescentes conheçam os métodos

contraceptivos e as formas de prevenir as DST's, apesar de toda a informação a qual eles têm acesso. É o que diz Oliveira, Pontes, *et. al.* (2009), quando ressalta que a partir dos resultados, sugere-se entre outras coisas e contrariando os modernos meios de comunicação, existe uma falha de informação entre os adolescentes acerca das formas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e do uso de anticoncepcionais, assim como a existência de crenças posicionadas por diversos grupos com diferentes opiniões e paradigmas, que são transmitidas e mantidas pelo seu grupo social.

É importante ressaltar que o conhecimento correto sobre o uso da camisinha não é suficiente para desenvolver um pensamento crítico nos jovens em relação a tomada de práticas corretas nas relações sexuais, o que mostra a necessidade de priorizar uma orientação contínua para que os adolescentes tenham uma vida sexual livre de riscos e saudável.

Com base no nível de escolaridade, é alarmante que 1,9% dos estudantes desconhecem os métodos para evitar as DST's. A era que o Mundo, e principalmente o Brasil, está inserido atualmente, é a era do desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento de informações. Portanto, todas as pessoas, e não apenas os jovens, estão inseridos em uma geração que está recebendo informações e orientações sobre diversos assuntos, principalmente, em relação a AIDS, que por meio de políticas públicas, o governo vem desenvolvendo campanhas durante todo o ano para ensinar e conscientizar todos os cidadãos.

Quando se perguntou sobre a hepatite B, especificamente, e suas formas de prevenção, pôde-se perceber que muitos alunos não tinham conhecimento suficiente acerca dessa doença, como pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 2: Modos de prevenção da Hepatite B		
RESPOSTAS	QUANT.	%
Uso de Camisinha	21	41,2
Uso de pílula anticoncepcional	1	1,9
Tomar vacina	20	39,2
Não compartilhar objetos pessoais	14	27,4
Não conheço	18	35,2

Nesse ponto foi possível observar a carência de informações dos adolescentes relacionada ao conhecimento sobre a Hepatite B, a respectiva vacina e os demais

métodos de prevenção. Além dos citados, também se constituem como fatores de risco, a colocação de piercings, tatuagens, consumo de bebida alcoólica e o uso de outras drogas.

4.2 Conhecimento dos alunos sobre as DST's e como foi adquirido.

Neste tópico os alunos responderam quais eram as DST's que eles conheciam, aonde eles aprenderam sobre DST's, qual disciplina que abordou esse tema e se eles aprenderam sobre a Hepatite B.

No quadro 3 estão as respostas dos alunos referentes às DST'S que eles conheciam (Era possível escolher mais de uma alternativa).

Quadro 3: Principais DST's conhecidas pelos alunos		
RESPOSTAS	QUANT.	%
AIDS	50	98,0
Sífilis	28	54,9
Tuberculose	25	49,0
Hepatites Virais	21	41,1
Gonorreia	30	58,8
Não conheço nenhuma	2	3,9

Foi percebido que praticamente todos os alunos tinham o conhecimento que a AIDS é uma DST. Podemos relacionar essa resposta com os PCN's, pois o enfoque do PCN é ensinar modos de transmissão e prevenção de doenças contagiosas, particularmente a AIDS (BRASIL., 1997). Também pelo fato do professor possuir um tempo escasso para administrar todos os conteúdos previstos para o ano letivo, muitos acabam focando apenas nas principais DST's. Segundo Martini e Bandeira (2003), as escolas em geral também possuem dificuldades em trabalhar com esses temas, pois ainda não existe preocupação das autoridades educacionais e da escola para que uma disciplina com temas desse tipo possa fazer parte dos currículos escolares ou da formação dos professores.

É importante salientar que a Sífilis e a Gonorreia são DST's de grande relevância e frequentes na sociedade e apesar de muitos alunos já terem ouvido falar sobre elas ainda conhecem muito pouco.

Vimos, também, que mais da metade dos alunos (58,9%) não sabem que algumas hepatites virais são sexualmente transmissíveis. Fica evidente, então, a necessidade de trabalhar com outras DST's em sala de aula, como a Hepatite B.

Em contrapartida, muitos alunos marcaram a tuberculose como uma DST. A tuberculose não se transmite pelo sexo nem pelo sangue contaminado, e sim, é transmitida de pessoa a pessoa, principalmente através do ar. Por outro lado, a epidemia de HIV/AIDS, entre outras consequências, levou ao crescimento dos casos de tuberculose em muitos países pelo fato que a infecção do vírus HIV tem o efeito de imunossupressor. De acordo com Rodrigues, Barreto, *et al.*, (2007), a tuberculose é potencialmente curável, mas, é ainda hoje considerada um grande problema de saúde pública nos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil.

Diante disso, os alunos relataram sobre o aprendizado das DST's, qual disciplina foi abordado o tema, e se foi ensinado sobre a hepatite B, como pode ser visto no quadro 4.

Quadro 4: Sobre o aprendizado das DST's: Qual disciplina e abordagem da Hepatite B	
Aluno 1 - Sexo Feminino, 19 anos:	Sim, através de palestras e vídeos em Ciências. Sobre Hepatite B não foi falado.
Aluno 2 - Sexo Masculino, 17 anos:	Sim. Na aula de biologia através de fotos, panfletos e etc. Não foi citada.
Aluno 3 - Sexo Feminino, 17 anos:	Sim por meio de uma palestra. Por ver um cartaz no Posto de Saúde.
Aluno 4 - Sexo Masculino, 18 anos:	Sim aprendemos, mas não me lembro.
Aluno 5 - Sexo Feminino, 18 anos:	Sim, por palestras na disciplina PD. Sim mas já esqueci.
Aluno 6 - Sexo Feminino, 18 anos:	Não.
Aluno 7 - Sexo Masculino, 16 anos:	Também com professores de Biologia, se foi falado de hepatite não me lembro.

Pode-se inferir que o assunto sobre as DST's já foi ensinado praticamente para todos os alunos, contudo, muitos não se lembram da abordagem sobre a hepatite B e outros dizem que não foi mencionado nas aulas de Ciências Naturais. A carência de conhecimento sobre as DST'S, ligadas à falta de prevenção, reflete os receios e obstáculos existentes para se falar sobre o tema na escola.

4.3 Formas de transmissão da Hepatite B, sintomas e fatores que podem agravar a doença.

Neste tópico, serão tratados temas relacionadas diretamente à infecção do vírus VHB, ou seja, sobre os meios de transmissão, os sintomas e os possíveis fatores que podem agravar a doença.

No quadro abaixo estão relacionadas as opiniões obtidas sobre as formas de transmissão da Hepatite B.

Quadro 5: Formas de transmissão da hepatite B		
RESPOSTAS	QUANT.	%
Por relações sexuais sem preservativos	28	54,9
Por uso de drogas injetáveis	8	15,6
Por transfusão de sangue contaminado	19	37,2
Por objetos de higiene pessoal (escovas de dentes, alicates de unha e outros objetos que furam ou cortam)	20	39,2
Não sei	15	29,4

Os dados sobre as formas de transmissão da hepatite B nós dá evidências que a maioria dos alunos (54,9%) marcou que uma possível maneira é por relações sexuais sem o uso de preservativos. Esse resultado mostra que a maior parte dos alunos tem consciência da necessidade do uso de preservativos, a fim de evitar a hepatite B e outras DST's.

Outra forma de transmissão bastante assinalada foi por objetos de higiene pessoal, como escovas de dente, alicates de unha e outros objetos perfuro cortantes, o vírus VHB

consegue manter-se vivo durante um período, ou seja, algumas semanas, e assim, esses objetos de higiene pessoal fazendo-se o contato com outro indivíduo corre o risco da transmissão, se caso estes objetos vier a cortar ou fazer o contato direto com o sangue do outro indivíduo. Essa forma de transmissão não está ligada ao ato sexual, porém, pelo fato de se enfatizar os objetos que furam ou cortam e fazem contato direto com o sangue contaminado, fica claro para muitos alunos que é também uma forma de se contrair o vírus VHB, além do mais, mostra que alguns alunos já tinham o conhecimento da hepatite B, como mostrado no quadro 3.

Diante disto, 37,2% dos estudantes também citaram que a transfusão de sangue contaminado é uma forma de transmissão, pela mesma linha de raciocínio, ao receber um sangue contaminado com o vírus VHB, o indivíduo também se contamina.

Por outro lado, uma pequena parte dos estudantes citou que o uso de drogas injetáveis pode transmitir o vírus da hepatite B. De acordo com Soares e Jacobi (2000), os usuários de drogas injetáveis não estariam – na sua grande maioria – entre estudantes do ensino médio. Diante disso, pode inferir-se que, pelo fato das drogas injetáveis não estarem no convívio dos alunos, estes acabam não relacionando as drogas injetáveis com um dos modos de transmissão das DST's.

Neste contexto, segundo Araújo, Carvalho e Monteiro (2012), alguns grupos são particularmente suscetíveis ao agente VHB, sejam por condições de saúde que impliquem em transfusões sanguíneas frequentes, atividade dos profissionais da saúde, seja pela adoção de comportamentos de risco como uso de drogas injetáveis ilícitas, múltiplos parceiros sexuais e relações sexuais sem o uso de preservativos, comportamentos frequente durante o processo de desenvolvimento associado à puberdade.

Com uma porcentagem relativamente alta, alguns alunos marcaram que não sabem quais são os modos de transmissão da hepatite B. Correlacionando essa questão com as anteriores, nota-se que muitos alunos não aprenderam sobre a hepatite B na escola e não conhecem as formas de transmissão. Contudo, uma pequena parte desses estudantes já tinha um conhecimento prévio deste assunto, seja ele adquirido na escola ou em outro ambiente, e possuíam uma noção básica das questões propostas.

Então foram perguntados aos estudantes quais são os sintomas da hepatite B. No quadro abaixo é possível vermos as respostas a esse questionamento.

Quadro 6: Sintomas da Hepatite B		
RESPOSTAS	QUANT.	%
Não sei	31	60,7
Além de ser uma doença silenciosa, os sintomas são raros	11	21,5
Diarreia, dor nos ossos, pele e olhos amarelados	9	17,6

Nota-se que a grande maioria (60,7%) respondeu que não sabem quais são os sintomas da hepatite B. Correlacionando esta resposta com as anteriores, observamos novamente a falta de conhecimento dos estudantes sobre a respectiva doença.

Foram apenas 11 alunos que afirmaram realmente conhecer a sintomatologia da Hepatite B, dizendo que além de ser uma doença silenciosa, os sintomas são raros. Pelo fato da hepatite B não demonstrar sintomas e dores perceptíveis e, em alguns casos, ocorrer a cura espontânea, muitas pessoas desconhecem realmente os riscos que a hepatite B pode trazer em suas vidas.

E os outros 17,6% marcaram que os sintomas da hepatite B são diarreia, dor nos ossos, pele e olhos amarelados. Estes alunos que marcaram essa alternativa, podemos inferir que, possuem um conhecimento errado sobre os sintomas, ou até mesmo podemos dizer que foi apenas um “chute” desses alunos, podendo ser somados aos alunos que dizem que não sabem quais são os sintomas.

Diante disso, os estudantes responderam acerca dos fatores que podem agravar a doença, nesta questão poderia também marcar mais de uma alternativa.

Quadro 7: Fatores que agravam a doença		
RESPOSTAS	QUANT.	%
Uso de álcool	5	9,8
Uso de drogas	9	17,6
Uso de medicamentos	7	13,7
Não sei	34	66,6

Ficou bem claro o desconhecimento dos alunos acerca dos fatores que podem agravar a hepatite B. Poucos alunos relacionaram o uso de álcool e drogas como possíveis agravantes.

Segundo Feijó *et. al.* (2001), estudos nacionais e internacionais vem concluindo em suas pesquisas que, o uso de drogas lícitas é bem maior do que as ilícitas, predominando em ordem decrescente o álcool, o tabaco e a maconha, sendo que a frequência de estudantes de 1º e 2º graus que fizeram o uso dessas drogas variam em torno de 50%, 30% e 12%.

Então, os estudantes responderam sobre a importância de aprender sobre a hepatite B, como mostra no quadro abaixo.

Quadro 8: A importância de aprender sobre a hepatite B	
Aluno 1 - Sexo Feminino, 17 anos	Porque todos são propícios a adquirir a doença.
Aluno 2 - Sexo Feminino, 18 anos	Para saber mais e evitar essa doença eu não sei o que, por isso quero aprender.
Aluno 3 - Sexo Feminino, 18 anos	Porque é uma doença fácil de pegar, conter é e silenciosa algumas pessoas não descobrem sobre ela quando seu estado já está grave.
Aluno 4 - Sexo Masculino, 18 anos	Não sei.
Aluno 5 - Sexo Masculino, 17 anos	Pois se soubermos como ela age, como se espalha e qual são seus sintomas será mais fácil se prevenir.
Aluno 6 - Sexo Masculino, 18 anos	Para nos prevenirmos da doença, e para também conhecermos mais.
Aluno 7 - Sexo Masculino, 18 anos	Aprender a se prevenir cada vez mais cedo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento das DST's pelos adolescentes é muito importante, visto que, eles fazem parte de umas das populações mais suscetíveis a esse tipo de doença devido ao seu comportamento de risco.

Viu-se, neste trabalho, que todos os estudantes têm o conhecimento em relação a AIDS e o uso de preservativos a fim de evitar as DST's. Contudo, a maioria dos alunos desconhece acerca da hepatite B, e logo, não sabem os modos de transmissão, prevenção e os fatores que podem agravar a doença.

Além do mais, o pouco conhecimento sobre os modos de transmissão da hepatite B, não é restrito apenas aos adolescentes, o que torna necessária uma ação das autoridades a fim de conscientizar a população de modo geral.

É importante que haja uma discussão maior sobre esse tema nas escolas e com a sociedade de modo geral para que doenças como a hepatite B possam ser melhor combatidas e prevenidas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. J. D. et al. **Eficácia e segurança da vacina brasileira contra hepatite B em recém-nascidos**, São Paulo, 2009.

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. **Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens**: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde, Rio de Janeiro, 2008.

ARAÚJO, T. M. D. E. D.; CARVALHO, K. M. D.; MONTEIRO, R. M. **Análise da Vulnerabilidade dos adolescentes à hepatite B em Teresina - PI**. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 2012.

ASINELLI-LUZ, A.; JÚNIOR, N. F. **Gênero, adolescências e prevenção ao HIV/aids**, Curitiba, 2008.

BESERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N. D. C.; BARROSO, M. G. T. **Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis**: uma investigação a partir das adolescentes, Fortaleza, 2008.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de vigilância epidemiológica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – 6. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2005.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Hepatites virais** : o Brasil está atento / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 3. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2008.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Doenças infecciosas e parasitárias** : guia de bolso /

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 8. ed. rev. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL., S. D. E. F. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÊTAS, J. R. D. S. et al. **Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes**, São Paulo, 2009.

DÉA, H. R. F. D. et al. **A Inserção do Psicólogo no Trabalho de Prevenção ao Abuso de Álcool e Outras Drogas**, São Paulo, 2004.

FARIAS, N. et al. **Coinfecção pelos vírus das hepatites B ou C e da imunodeficiência adquirida: estudo exploratório no Estado de São Paulo, Brasil, 2007 a 2010**, Brasília, 2012.

FEIJÓ, R. B.; OLIVEIRA, É. A. D. **Comportamento de risco na adolescência. Jornal de Pediatria**, Porto Alegre , 2001.

FILLOS, L. M. et al. **Uma discussão sobre os aspectos metodológicos das investigações em modelagem matemática do XI EPREM**, 2011

JORGE, S. G. Hepcentro. **Hepatologia Médica**. Disponível em: <http://www.hepcentro.com.br/hepatite_b.htm>. Acesso em: 21 outubro 2015.

LIVRAMENTO, A. D. et al. **Avaliação do nível de conhecimento de adolescentes a respeito da transmissão e prevenção das hepatites B e C**, Florianópolis, 2009.

MARTINI, J. G.; BANDEIRA, A. D. S. **Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis**, 2003.

MARTINS, A. M. E. D. B. L. et al. **Fatores associados à imunização contra Hepatite B entre trabalhadores da Estratégia Saúde da Família. Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn**, p. 84-92, Dezembro 2014.

MARTINS, L. B. M. et al. **Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo**, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 315-323, Fevereiro 2006.

Ministério da Saúde (BR). **Boletim Epidemiológico AIDS**, Brasília (DF), 2005.

MORAIS, S. Z. D.; ANDRADE, R. D. C.; BOTELHO, P. P. **Guia Estadual de orientações técnicas das Hepatites Virais**. 2ª. ed. Belo Horizonte - MG: [s.n.], 2007.

OLIVEIRA, D. C. D. et al. **Conhecimento e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, M. D. D. S. et al. **Análise de fatores associados à não aceitação da vacina contra hepatite B em adolescentes escolares de baixa renda**, Goiânia-GO, 2006.

OLIVEIRA, M. D. D. S. et al. **Análise de fatores associados à não aceitação da vacina contra hepatite B em adolescentes escolares de baixa renda. Ciência saúde coletiva**, 2007.

RODRIGUES, L. et al. **Resposta brasileira à tuberculose: contexto, desafios e perspectivas. Revista Saúde Pública**, p. 41, 2007.

SANTOS, S. M. J.; RODRIGUES, J. A.; CARNEIRO, W. S. **Doenças sexualmente transmissíveis de alunos do ensino médio**, Patos, 2009.

SILVA, A. L. D. et al. **Hepatites virais: B, C e D: atualização**, São Paulo-SP, Junho 2012.

SOARES, C. B.; JACOBI, P. R. **Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar**, São Paulo, p. 213-237, 2000.

ZORZETTO, R. **O mapa das hepatites. Pesquisa FAPESP**, São Paulo, p. 98, Setembro 2011.

ANEXOS

Anexo 1



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a), gostaríamos de convidá-lo a participar do nosso estudo “A importância do conhecimento sobre a Hepatite B para estudantes do Ensino Médio: Estudo de Caso em uma escola de Planaltina-DF” que tem o objetivo de verificar, o conhecimentos dos estudantes sobre a Hepatite B no Centro Educacional 01 de Planaltina-DF.

A metodologia da pesquisa consistirá na realização de aplicação de questionários com estudantes do ensino médio e análise de dados. Será conduzida dessa forma, pois pretendemos compreender as suas concepções sobre a Hepatite B e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis e sua importância, esperando contribuir com a melhoria das práticas pedagógicas no âmbito da saúde sexual.

Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido por Marília Gabriela de Oliveira Ramos, orientado pela Prof.^(a) Dr.^(a). Livia Penna Firme Rodrigues, do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina.

Em qualquer momento da realização desse estudo, qualquer um participante/pesquisado poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante selecionado poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados unicamente para fins acadêmico-científicos e apresentados em forma de TCC, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização dos resultados obtidos nessa pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Marília Gabriela de O. Ramos

Licenciatura em Ciências Naturais FUP/UnB
FUP/UnB

Prof.^(a). Dr.^(a). Livia Penna Firme Rodrigues
Orientadora

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa “A importância do conhecimento sobre a Hepatite B para estudantes do Ensino Médio: Estudo de Caso em uma escola de Planaltina-DF”, permitindo, também que os resultados gerais deste estudo sejam divulgadas sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Planaltina, _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Pesquisado (a)

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato com a responsável pelo estudo:

E-mail: marilia_gabi_15@hotmail.com

Anexo 2



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FUP
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS 2º/2015

Instruções: Marque mais de uma opção se for necessário.

1) Sexo:

Feminino

Masculino

2) Idade _____ anos

3) Em sua opinião, o que é importante para evitar as doenças Sexualmente transmissíveis (DSTs)?

4) Quais são as DSTs que você conhece?

AIDS

Sífilis

Tuberculose

Hepatites Virais

Gonorreia

Não conheço nenhuma

5) Você aprendeu sobre as DSTs em sua escola? Como? Em qual disciplina? Foi falado algo sobre a hepatite B?

6) Quais as Formas de Transmissão da Hepatite B?

- Por relações sexuais sem preservativos
- Por uso de drogas injetáveis
- Por transfusão de sangue contaminado
- Por objetos de higiene pessoal (escovas de dentes, alicates de unha e outros objetos que furam ou cortam)
- Não sei

7) Quais são os sintomas da Hepatite B?

- Não Sei
- Além de ser uma doença silenciosa, os sintomas são raros
- Diarreia, dor nos ossos, pele e olhos amarelados

8) Quais são os modos de prevenção da hepatite B?

- Uso de camisinha
- Uso da pílula anticoncepcional
- Tomar vacina para a prevenção
- Não compartilhar objetos pessoais
- Não conheço

9) Quais os fatores que podem agravar a doença?

- Uso de álcool
- Uso de drogas
- Uso de medicamentos
- Não sei

10) Por que é importante aprender sobre a Hepatite B?